

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

**IGOR VILELA DIAS**

**METODOLOGIAS DE ENSINO DO EMPREENDEDORISMO NO  
BRASIL**

VARGINHA-MG  
2020

**IGOR VILELA DIAS**

**METODOLOGIAS DE ENSINO DO EMPREENDEDORISMO NO BRASIL**

Trabalho apresentado como fase final do Programa Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão para a obtenção do título de Bacharel Interdisciplinar em Ciência e Economia pela Universidade Federal de Alfenas.

Orientador: Leandro Rivelli Teixeira Nogueira

VARGINHA-MG

2020

**IGOR VILELA DIAS**

**METODOLOGIAS DE ENSINO DO EMPREENDEDORISMO NO  
BRASIL**

A Banca examinadora abaixo-assinada, aprova o trabalho de conclusão do PIEPEX (TCP) apresentada como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel Interdisciplinar em Ciência e Economia pelo Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da UNIFAL-MG.

Trabalho aprovado em:

Prof Dr. Leandro Rivelli Teixeira Nogueira

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof Dr. Marçal Serafim Candido

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof Dr. Paulo Roberto Rodrigues de Souza

Assinatura: \_\_\_\_\_

## RESUMO

O empreendedorismo no Brasil tem se mostrado crescente nos últimos anos como forma alternativa de fonte de renda além de cargos nas tradicionais empresas ou órgãos públicos. Com isso, discussões e estudos têm sido feitos acerca da importância da educação empreendedora, porém o tema ainda carece de estruturas mais sólidas para o desenvolvimento das metodologias mais eficazes para a preparação dos empreendedores. Com base neste cenário, o presente trabalho por meio de uma revisão bibliográfica mapeou as principais metodologias de ensino do empreendedorismo no Brasil. Foi constatada a necessidade de uma reestruturação destas metodologias, uma vez que atualmente a educação tem focado esforços no ensino teórico das disciplinas, porém para um maior desenvolvimento empreendedor é necessária uma visão prática para o amadurecimento de habilidades necessárias para a atividade.

**Palavras-chave:** Empreendedorismo, educação, metodologia.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>6</b>
<b>2. Referencial Teórico</b>	<b>7</b>
<b>2.1 Empreendedorismo</b>	<b>7</b>
<b>2.2 Empreendedorismo no Brasil</b>	<b>8</b>
<b>2.3 O ensino do empreendedorismo no Brasil</b>	<b>9</b>
<b>3. METODOLOGIAS E PRÁTICAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS</b>	<b>11</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>14</b>
<b>5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>15</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Empreender, como prática profissional, que tem se mostrado crescente no país geralmente é visto como um ponto forte no desenvolvimento econômico. O ato de empreender que traz benefícios econômicos, vai além do conceito de abrir um negócio, ele impacta diretamente e indiretamente no bem-estar social, trazendo melhorias para necessidades da sociedade como demanda por emprego e desenvolvimento de tecnologias CASAQUI (2014).

Para Schumpeter (1988), é um processo de “destruição criativa”, fenômeno que ocorre quando indivíduos criam novos processos e produtos causando mudanças na economia. Os protagonistas deste fenômeno, entendido como evolução, não titulados empreendedores.

Conforme Schumpeter,

Produzir novas coisas não é apenas um processo distinto, mas é um processo que produz consequências, as quais formam uma parte essencial da realidade capitalista. A completa história econômica do capitalismo seria diferente do que é se novas ideias tivessem sido regular e correntemente adotadas, naturalmente por todas as firmas para cujos negócios elas fossem relevantes. Mas isso não aconteceu. Na maioria dos casos, apenas um homem ou alguns deles veem as novas possibilidades e estão aptos a lutar contra as resistências e dificuldades com que a ação sempre se encontra, fora dos caminhos normais da prática (SCHUMPETER, 1976: p.36)

Dolabela(2002) destaca que há muitas definições do termo “empreendedor”, onde pesquisadores de diferentes campos baseiam suas metodologias nos princípios de suas próprias áreas de interesse para definir o termo. Duas linhas são consideradas principais: a dos economistas, que definem empreender baseado na inovação e a dos comportamentalistas que definem o ato empreendedor através de hábitos humanos como a percepção, o dom e outras características comportamentais.

Com a crescente do empreendedorismo, perguntas como “empreender é um dom ou pode ser ensinado?” ou “é possível estimular o empreendedorismo ou ensinar alguém a ser empreendedor?” são comuns e ainda de difíceis respostas científicas. Por consequência, numerosos estudos (SOUZA 2003; DOLABELA, 1999; FILION, 1999; GIMENEZ, 2000; DORNELAS, 2001; DRUCKER, 2003), têm sido feitos para identificar e entender o processo de formação de empreendedores. FILION (1999) expõe que não há um padrão, mas algumas dicas que podem auxiliar alguém que queira empreender, o qual existem múltiplos caminhos possíveis neste sentido.

Portanto a compreensão desta pluralidade é um grande desafio no âmbito acadêmico para a mensuração do sucesso do ensino do empreendedorismo. Dado este cenário, o presente trabalho busca explorar estudos da educação empreendedora no Brasil e entender suas

principais metodologias de acordo com os principais trabalhos que abordam a temática de metodologia do empreendedorismo.

O presente trabalho está estruturado da seguinte forma: na seção 2 é apresentada a referência bibliográfica, dividida em subseções. Na subseção 2.1 é realizada uma revisão teórica da etimologia da palavra empreendedorismo e suas principais definições segundo diversos autores. Em seguida, são abordados pontos relevantes da história do empreendedorismo e como ele está presente no Brasil. A subseção 2.3 traz a abordagem do ensino do empreendedorismo no Brasil. Na seção 3 são apresentados os principais levantamentos feitos referentes às metodologias de ensino no Brasil seguindo para o objetivo do estudo. Nas considerações finais são levantadas algumas implicações do estudo e apontadas limitações observadas durante a pesquisa e é finalizado com uma sugestão de pesquisa futura.

## **2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Para um melhor entendimento do tema, esta sessão busca abordar e discutir os principais conceitos que englobam a temática do ensino do empreendedorismo no Brasil, onde na sessão 2.1 trará a definição do termo Empreendedorismo de acordo com diferentes filósofos.

### **2.1 – Empreendedorismo**

A palavra empreendedorismo tem origem da palavra francesa “Entrepreneur”, que significava “Aquele que incentivava as brigas” e que futuramente originou a palavra inglesa “Entrepreneurship”, termo que trata todos os hábitos, costumes e regras do comportamento empreendedor.

Ser empreendedor pode ser entendido como o aquele capaz de enxergar potenciais mudanças e oportunidades onde a maioria não vê. É aquele que através de ações empreendedoras transforma contextos e o leva a um nível mais desenvolvido.

Schumpeter (1982) ressalta o empreendedor como o protagonista do mercado e o adjetiva como responsável por revolucionar o sistema de produção através da “destruição criativa”, processo no qual produtos ou meios de produção já existentes são “destruídos” e substituídos por novos (upgrade). Mais tarde, Gianturco apud Kirzner (2014) em apoio e complemento à Schumpeter destaca a importância da habilidade empreendedora de enxergar oportunidades de mercado que não são percebidas por todos, sendo indispensável para a evolução e equilíbrio de mercado, mesmo que imperceptível para a maioria.

Barringer e Bluedorn (1999) abordam o empreendedorismo no âmbito corporativo como um fenômeno de comportamento no qual todas as empresas se enquadram em dois perfis: altamente conservador e empreendedor nato. As empresas conservadoras são aquelas adversas ao risco, preferem seguir na zona de conforto e dar pequenos passos, enquanto empreendedoras são aquelas inovadoras, tomadoras de risco e proativas.

Dolabela (2008), contribui ao dizer que empreendedor é aquele que transforma e traz melhorias para o coletivo. Aquele que sonha e planeja transformar seu sonho em realidade, gerando caminhos e formas metodológicas para alcançar seu objetivo.

“Um empreendedor é uma pessoa que imagina, desenvolve e realiza visões” -Filion, 1999, P.19

Para Timmons (1994), o empreendedor é aquele capaz de identificar e aproveitar oportunidades, gerenciando seus recursos para ter sucesso na oportunidade encontrada. Para Filion (1999) o empreendedorismo pode ser visto como a área que estuda e examina as atividades empreendedoras, seus efeitos sociais, econômicos e dispõe e métodos para facilitar a atividade empreendedora sendo esta atividade o ato de ter iniciativa, inovar, a ação de fazer coisas novas de formas diferentes, como também a capacidade de assumir riscos.

## 2.2 Empreendedorismo no Brasil

O povo brasileiro é visto por muitos como empreendedores espontâneos, que necessita apenas de estímulos para conhecer e desenvolver suas habilidades. O ultimo levantamento do Global Entrepreneurship Monitor (GEM) ocorrido em 2019, mostrou que aproximadamente 39% da população brasileira entre 18 e 64 anos pratica algum tipo de atividade empreendedora, sendo 23,3% (32,177 milhões) em estágio inicial e 16,2% (27,697 milhões) já estabelecidos. Além disso, o estudo registrou uma média de 30,2% de potenciais empreendedores, ou seja, a cada dez brasileiros não empreendedores, três deles possuem interesse de abrir um negócio próprio nos próximos três anos, porém o fechamento prematuro das empresas é uma das preocupações atuais.

O quadro 1 mostra que, em geral, os brasileiros mostram um maior sonho em abrir sua própria empresa do que seguir carreira profissional em alguma empresa. Do percentual não empreendedor, 38,7% dos brasileiros apresentaram um interesse em ter um próprio negócio frente à 28,8% dos interessados em seguir carreira numa empresa privada e 19,3% no setor público. Isso mostra que grande parte da população enxerga o empreendedorismo como forma de renda e realização profissional.

**Quadro 1** – Percentual de planos de carreiras dos brasileiros

Sonho	%			
	Empreendedores			Não Empreendedores
	Nascentes	Novos	Estabelecidos	
Fazer carreira numa empresa	22,6	16,5	9,8	28,8
Ter o próprio negócio	66,7	33,8	19,2	38,7
Carreira no serviço público	19,1	10,2	7,1	19,3

Fonte: Global Entrepreneurship Monitor (GEM), (2019)



Frente ao cenário de constantes mudanças e surgimento de novas necessidades na sociedade em geral, o empreendedorismo vem para sanar “gaps” no mercado de trabalho e aproveitar as diversas oportunidades de negócios no Brasil. Dos empreendedores iniciais nos últimos anos, um dos principais motivos que levaram os brasileiros a empreender foi a busca por renda para ganhar a vida, pois os empregos são escassos, onde 88,4% dos entrevistados se identificaram, além de motivação para fazer a diferença no mundo (51,4%) e construir uma grande riqueza ou renda muito alta (36,9). Foram apontados também aqueles que decidiram continuar uma tradição familiar (26,6%) - As questões não são excludentes, ou seja, o empreendedor poderá ter respondido afirmativamente para mais de uma.

Porém o Brasil ainda apresenta números relevantes quanto ao fechamento destas empresas. De acordo com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas-SEBRAE em um levantamento feito em 2017, a média de mortalidade das empresas com até 2 anos de vida era de 46%, quase metade das empresas abertas. Neste período, quando incluso os Microempreendedores Individuais (MEI), que trouxe facilidades para quem possui o sonho de iniciar seu próprio negócio, o resultado caiu de 46% para 23%. O MEI causa tal impacto na taxa de sobrevivência das empresas, pois domina a participação no total de empreendimentos (63%). Dos desafios de dar os primeiros passos no negócio autônomo, as principais dificuldades apontadas pelos empreendedores no primeiro ano de gestão foram: falta de clientes (16%), falta de capital (16%), falta de conhecimento (12%) e mão de obra (10%). Além disso, foi levantado que um dos principais motivos da probabilidade de fechamento foi a falta de experiência no ramo, falta de habilidades de negociação com fornecedores, falta de capacitação de mão-de-obra, não buscavam inovar e a falta de controle de receitas e despesas.

### **2.3 O ensino do empreendedorismo no Brasil**

Inicialmente as escolas de administração brasileiras mantinham seu foco de ensino para atender quase no todo as necessidades do mundo corporativo, em outras palavras, criar funcionários competentes para grandes empresas já inclusas no mercado. A redução do número de vagas disponíveis e um aumento da jornada de trabalho trouxe um aumento no interesse em empreender (FERNANDES, 2013). Ainda que a ação empreendedora se mostre presente há séculos, o Empreendedorismo quanto metodologia de ensino deu seus primeiros passos no ambiente acadêmico nos anos 20, preliminarmente pela Fundação Getulio Vargas na década de 1980 com uma matéria voltada ao ensino da criação de negócios à turma de Administração de Empresas (EAESP) (FERNANDES, 2013).

Sequencialmente ainda na década de 1980 a Universidade de São Paulo (USP), através do professor Silvio Aparecido dos Santos, iniciou a disciplina no curso de graduação em administração na faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP (FEA/USP). Em 1991, a professora na FGV Ofélia Sette Torres funda o primeiro Centro de

empreendedorismo do Brasil e em 2002 o professor José Antônio Lerosa de Siqueira da USP dá um passo a diante criando o Centro Minerva de Empreendedorismo.

Ainda na década de 1990, o Sebrae adota o programa Empretec, desenvolvido pela Organização das Nações Unidas (ONU) voltado ao desenvolvimento de empreendedores. No ano de 1999 o professor Fernando Dolabela lança seu livro “O segredo de Luísa” que se tornou referência para a educação empreendedora, pois fornece metodologias de aprendizado do empreendedorismo no ensino básico (fundamental e médio).

A partir do surgimento de entidades como SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e a SOFTEX (Sociedade Brasileira para exportação de Software) o Brasil se mostrou crescente na criação de micro e pequenas empresas. Projetos como incubadoras e Empresas Jr. também possibilitaram o contato do estudante com o mercado de trabalho e empreendedores.

A Partir de então, portas tem se aberto e o ensino do empreendedorismo tem dado passos e busca caminho de se consolidar no Brasil que segundo a pesquisa do GEM (Global Entrepreneurship Monitor) se encontra a na quarta posição no ranking de proporção de empreendedores iniciais de 55 países, se destacando a frente de países como EUA, Colômbia e Alemanha, porém ainda apresenta uma baixa taxa de educação formal de empreendedores comparada a países de mesmo patamar (renda per capita semelhante), tendo apenas 31,3% dos empreendedores com ensino superior completo.

### **3. METODOLOGIAS E PRÁTICAS DIDÁTICO-PEGAGOGICAS DE ENSINO DO EMPREENDEDORISMO**

Históricamente, as metodologias de ensino são criadas a fim de formarem pessoas para ocuparem espaços em grandes empresas ou postos de trabalho em profissões técnicas específicas (RICARDO; 2016) e pouco voltadas para o desenvolvimento da prática empreendedora, o que deixa claro, segundo muitos autores (LOPES, 2010; FILION, 1999; LIMA 2015) a necessidade de uma mudança nos métodos tradicionais de ensino a fim de estimular o comportamento empreendedor do indivíduo.

No ambiente de formação empreendedora, as ações esperadas do estudante estão interligadas aos seus conhecimentos e habilidades. Deste modo, diferentes opções de técnicas e metodologias são necessárias para promover o processo de aprendizagem e alcançar a adequada formação empreendedora a fim de observar o desenvolvimento de características que, onde segundo estudiosos, estão presentes nos potenciais empreendedores. Estas definições ainda causam fervorosas discussões a respeito da possibilidade de desenvolvimento das mesmas.

Sexton e Bowman (1984) adjetiva um empreendedor como um individuo Energético, dominante, menos estimulante, socialmente habilidoso, interesses variados, menos

responsável, autônomo, elevada auto-estima, baixa conformidade, baixo associativismo, menos participativo, menos amparador, baixa tolerância

Barreto (1998) descreve como um indivíduo Calculista, forte (tanto psicologicamente quanto fisicamente e moralmente), vitalidade controlada, corajoso, otimista, inteligente, articulado e íntegro.

Já Schmidt e Bohnenberger (2018) através de estudos mais recentes, buscaram traçar o perfil empreendedor e apresentaram características que afirmam a possibilidade de serem desenvolvidas e trabalhadas através do ensino empreendedor. São elas:

### Quadro 2 – Características do perfil empreendedor

Características	Descrição
Autoeficaz	É a estimativa cognitiva que uma pessoa tem das suas capacidades de mobilizar motivação, recursos cognitivos e cursos de ação necessários para exercitar controle sobre eventos na sua vida.
Assume riscos calculados	Pessoa que, diante de um projeto pessoal, relaciona e analisa as variáveis que podem influenciar o seu resultado, decidindo, a partir disso, a continuidade do projeto.
Planejador	Pessoa que se prepara para o futuro.
Detecta oportunidades	Habilidade de capturar, reconhecer e fazer uso efetivo de informações abstratas, implícitas e em constante mudança.
Persistente	Capacidade de trabalhar de forma intensiva, sujeitando-se até mesmo a privações sociais, em projetos de retorno incerto.
Sociável	Grau de utilização da rede social para suporte à atividade profissional.
Inovador	Pessoa que relaciona ideias, fatos, necessidades e demandas de mercado de forma criativa.
Liderança	Pessoa que, a partir de um objetivo próprio, influencia outras pessoas a adotarem voluntariamente esse objetivo.

Fonte: SCHIMIDT & BOHNENBERGER, 2018.

Dolabela (2002) defende a ideia de que no contexto empreendedor, o que se aprende na escola é rapidamente superado pelas práticas que o ambiente externo proporciona, o qual faz necessária mudanças na educação empreendedora, que foram sintetizadas no quadro a seguir:

### Quadro 3 – Comparativo entre educação convencional e educação empreendedora

Educação convencional	Educação empreendedora
Ênfase no conteúdo, que é visto como meta	Ênfase no processo, aprender a aprender
Conduzido e dominado pelo instrutor	Apropriação do aprendizado pelo participante
O instrutor repassa o conhecimento	O instrutor como facilitador e educando; participantes geram conhecimento
Aquisição de informações “corretas” de uma vez por todas	O que se sabe pode mudar
Currículo e sessões fortemente programados	Sessões flexíveis e voltadas a necessidades
Objetivos do ensino impostos	Objetivos do aprendizado negociados
Prioridade para o desempenho	Prioridade para a autoimagem geradora do desempenho
Rejeição ao desenvolvimento de conjecturas e pensamento divergente	Conjecturas e pensamento divergente vistos como parte do processo criativo
Ênfase no pensamento analítico e linear; parte esquerda do cérebro	Envolvimento de todo o cérebro; aumento da racionalidade no lado esquerdo do cérebro por estratégias holísticas, não-lineares, intuitivas; ênfase na confluência e fusão dos dois processos
Conhecimento teórico e abstrato	Conhecimento teórico amplamente complementado por experimentos na sala de aula e fora dela
Resistência à influência da comunidade	Encorajamento à influência da comunidade
Ênfase no mundo exterior; experiência interior considerada imprópria ao ambiente escolar	Experiência interior é contexto para o aprendizado; sentimentos incorporados à ação
Educação encarada como necessidade social durante certo período de tempo, para firmar habilidades mínimas para um determinado papel	Educação vista como processo que dura toda a vida, relacionado apenas tangencialmente com a escola
Erros não aceitos	Erros como fonte de conhecimento

Fonte: DOLABELA, Fernando. Oficina do empreendedor. São Paulo: Cultura, 2002. p. 116

Neste contexto, a *European Enterprise and Industry Directorate-General* (European Commission, 2017) traz uma estrutura metodológica da educação empreendedora no ensino superior, trazendo suas 3 principais metas. O primeiro objetivo é o desenvolvimento do espírito empreendedor entre os estudantes, para fomentar o desejo de empreender. O segundo objetivo é focado na prática do empreendedorismo, onde metodologias são utilizadas para treinar os estudantes a administrar uma empresa, instruindo-os desde financiamentos até aspectos legais e impostos e por fim, o trabalho no desenvolvimento de habilidades

empreendedoras, as quais prepararão o discente para explorar oportunidades de negócios e criar certo amadurecimento (ROCHA; FREIRAS, 2014). Tais objetivos abordam de forma geral todos os âmbitos de desenvolvimento necessário para a atividade.

Ramos; Ferreira; Gimenez, (2010) critica o ensino do empreendedorismo evidenciando a dificuldade do aluno vivenciar condições importantes do meio empreendedor, destacando a necessidade de um aprimoramento das abordagens de ensino para construir um melhor ambiente empreendedor que possa prover experiências práticas de desenvolvimento, contudo a implantação destas técnicas que proporcionem a vivência necessária são de difícil processo, uma vez que o ensino prático, diferente do teórico, necessita de ferramentas e abordagens que geram maior custo, tempo e criatividade.

Andrade e Torkomian (2001) enfatizam outro ponto primordial para o sucesso do ensino do empreendedorismo no Brasil: a necessidade criação de um modelo que englobe valores políticos, sociais, culturais e econômicos do país. O conhecimento do ambiente em que a empresa está inserida e de todas os seus direitos e deveres é de extrema importância para a sobrevivência da mesma.

Em estudo, Rocha e Freitas (2014) abordam os principais métodos e técnicas de Ensino do Empreendedorismo que tentam suprir as necessidades teórico-práticas do assunto para desenvolvimento das habilidades necessárias e listam seu método entre Prático, Teórico conforme listados no quadro 4:

**Quadro 4** - Metodos teóricos e práticos de ensino do empreendedorismo

Metodos, técnicas e recursos	
Teórico	Prático
Aplicação de provas dissertativas	Atendimento individualizado
Aulas expositivas	<i>Brainstorming</i>
Estudos de casos	Competição de planos de negócios
Filmes e vídeos	Criação de produto
Plano de negócios	Incubadoras
Seminários e palestras com empreendedores	Jogos de empresas e simulações
Sugestão de leituras	Plano de negócios
Trabalhos teóricos em grupo	Trabalhos práticos em grupo
Trabalhos teóricos individuais	Trabalhos práticos individuais
Grupos de discussão	Visitas e contatos com empresas
	Criação de empresa

Fonte: Rocha e Freitas (2014)

As atividades teóricas são historicamente mais presentes nas universidades, vão trabalhar e desenvolver no aluno desde o conhecimento de pontos importantes como o conhecimento teórico dos conceitos do Empreendedorismo e a prática da pesquisa, do diálogo e construção de conhecimento e habilidade de comunicação escrita dos estudantes através de

provas escritas e trabalhos teóricos em grupo e sugestões de leituras. As atividades teóricas também proporcionam a habilidade de geração de conhecimento individualizado, onde através de leituras o estudante é estimulado e induzido ao processo de autoaprendizagem, que leva o estudante à um desenvolvimento do pensamento crítico.

Já a atividades práticas aproximarão o estudante do cotidiano real vivido nas empresas, que proporcionarão desenvolvimentos diversos como habilidades de comunicação, interpretação, iniciativa e resolubilidade, além de habilidades de persuasão, estratégia, capacidade de observação, fomentação do espírito de liderança, tomada de decisões e compreensão das etapas de vida das empresas.

Schaefer; Minello apud Lima (2016) em seu planejamento de projeto empreendedor também compartilham relevantes sugestões que englobam possíveis melhorias nas metodologias utilizadas pelas universidades brasileiras, são elas:

- 1) Levar o estudante a um ambiente que tenha contato direto com empreendedores reais, que haja interação para o aprendizado na prática através de programas
- 2) O empreendedorismo não deveria ser tratado como disciplina, mas como uma habilidade a ser desenvolvida de forma transversal ao longo de todos os cursos.
- 3) Utilizar a tecnologia e mídias como meio de aprendizado de casos reais, buscando conceitos fundamentais que explicam as histórias de sucesso (ou fracasso) abordados em aula.
- 4) Compartilhar também histórias de fracasso para que fique ensinado ao aluno que errar é natural em empreendedorismo e o dar habilidades de aprender com o erro para contorná-lo

Dito isso, fica claro a necessidade de uma abordagem que englobe tanto o meio teórico quanto prático do empreendedorismo para que a universidade não lance seus alunos a um ambiente desamparado sem preparação e desenvolvimento suficiente para lidar com as adversidades que o ambiente empreendedor proporciona.

#### **4. COMENTÁRIOS FINAIS**

O empreendedorismo tem mostrado grande contribuição na tanto na geração de emprego e renda na sociedade quanto na qualidade de vida da população e desenvolvimento social e tal impacto positivo traz cada vez mais um aumento da análise e busca de técnicas para o ensino da atividade e discussões sobre as melhores formas de educação dos empreendedores.

Porém, como visto ao longo do trabalho, a educação empreendedora exige abordagens diferentes e precisa ser transformada a fim de romper com os tradicionais modelos de ensino, que na maioria das vezes são voltados com mais intensidade a teoria frente do que a prática.

No ambiente de desenvolvimento das práticas empreendedoras se faz necessária interdisciplinaridade e diversidade do meio acadêmico explorando novas metodologias e técnicas que levem o estudante à prática e amadurecimento no assunto, uma vez que para empreender não basta apenas ter conhecimento do tema, mas também a construção e desenvolvimento de habilidades, valores, percepções tanto de si quanto da realidade e a capacidade de inovar e reconhecer oportunidades.

Disciplinas e projetos como, por exemplo, as Empresas Jr. e Incubadoras têm sido implementadas para tentar sanar esta necessidade e trazer oportunidades de desenvolvimento das habilidades empreendedoras, porém o assunto ainda é pouco discutido dentro do ambiente acadêmico. Não se vê um plano estruturado fornecido pela universidade a fim de tentar buscar melhores estratégias e didáticas do empreendedorismo. É necessário um olhar mais atento ao assunto e a fomentação da prática empreendedora através de oportunidades de aprendizado de ações como a estruturação de uma startup e incentivos de tirá-las do papel, como é feito em programas do SEBRAE e EGES.

Diante deste cenário, pesquisas sobre “é possível ensinar o empreendedorismo?” ou “qual a mensurável de sucesso do ensino do empreendedorismo?” e “há um plano de desenvolvimento a ser estudado para ser empreendedor?” são ainda questões de amplas discussões e oportunidades de trabalho acerca do assunto.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANDRADE, R.F.; TORKOMIAN, A.. Fatores de influência na estruturação de Programas de Educação Empreendedora em Instituições de Ensino Superior. **Anais do II Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de pequenas empresas**, Londrina, 2001.

BAGGIO, F.. Empreendedorismo: Conceitos e Definições. **Rev. de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia**, 1(1): 25-38, 2014.

BARRETO, L. P. Educação para o empreendedorismo. **Educação Brasileira**, 20, p.189-197, 1998.

BARRINGER, B; BLUEDORN, A. C. The Relationship Between Corporate Entrepreneurship and Strategic Management . **Strategic Management Journal Strat. Mgmt. J.**, 20: 421–444, 1999.

CASAQUI, V. **Concepções e significados do empreendedorismo social no Brasil e em Portugal: crise, performance e bem comum**. Lisboa , v. 8, n. 2, p. 67-82, jun. 2014 .

DOLABELA, F. . **Oficina do Empreendedor**. São Paulo: Cultura, 1999.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo**: Transformando idéias em negócios. 6º ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001.

DRUCKER, P. F. **Inovação e espírito empreendedor (entrepreneurship): prática e princípios**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2003.

FERNANDES, R. J. R. Breve Histporico do Ensino de Empreendedorismo no Brasil . **Escola de Negócios** . São Paulo: FGV, 2013

FILION, L. J.. Um roteiro para Desenvolver o empreendedorismo. **Carte routièrre pour un Québec entrepreneurial**. Riverin, p. 37-38, 2003

FILION, L. J. Diferenas entre sistemas gerenciais de empreendedores e operadores de pequenos negócios. **Revista de Administração de Empresas**, 39, pp. 6-20, 1999.

GEM-Brasil 2013. **Global Entrepreneurship Monitor: Empreendedorismo no Brasil**. Relatório Executivo 2013. Curitiba: IBQP, 2019.

GIANTURCO, A. **O Empreendedorismo de Israel Kirzner**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises, 2014.

GIMENEZ, F. A. P.; INÁCIO JUNIOR, E. Investigando o potencial empreendedor e de liderança criativa. **XXVI Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração (ENANPAD)**. Salvador, 2002

JUNIOR, J.B.C.; ARAÚJO, P.C.; WOLF, S. M.; RIBEIRO, T.V.A.; Empreendedorismo e Edicação Empreendedora: Controntação entre a teoria e a prática. **Revista de Ciências da Administração** – v.8, n.15, jan/jun 2006



LIMA, E.; LOPES, R. M. A.; NASSIF, V. M. J.; SILVA, D.. Ser seu Próprio Patrão? Aperfeiçoando-se a educação superior em empreendedorismo. **Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, art. 1, pp. 419-439, Jul./Ago. 2015b

MARTENS, C. D. P., FREITAS, H.. Influência do ensino de empreendedorismo nas intenções de direcionamento profissional dos estudantes. **Estudo & Debate**, v. 15, p. 71-95, 2006

NUNES, L. ; MELLO, M.. A importância da educação empreendedora para a cultura e formação de novos empreendedores. **Saber Humano**, V. 8, n. 13, p. 152-173, Jul./Dez. 2018

LOPES, R. M. A. **Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier: São Paulo: SEBRAE, 2010.

REINA, F. T.; SANTOS, R. A. Educação Empreendedora: práticas educativas para dinamizar a ascensão pessoal e profissional dos alunos. **Temas em Educ. e Saúde**, Araraquara, v.13, n.1, p. 147-163, 2017.

ROCHA, E. L. C.; FREITAS, A. A. F. . Avaliação do ensino de empreendedorismo entre estudantes universitários por meio do perfil empreendedor. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 18, n. 4, p. 465-486, 2014.

SANTIAGO, E. Vertentes teóricas sobre empreendedorismo em shumpeter, weber e mcecllland:: novas referências para a sociologia do trabalho. **Revista de Ciências Sociais** v. 40 n. 2 p. 87 - 103, 2009

SCHAEFER, R.; MINELLO, I. F. Educação Empreendedora: Premissas, Objetivos e Metodologias . **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 10, n. 3, p. 60-81, 2016.

SCHMIDT, S.; BOHNENBERGER, M. C. Perfil empreendedor e desempenho organizacional. **Revista de Administração Contemporânea** v. 13, n. 3, art. 6, p. 450-467, 2018.

SCHUMPETER, A. J. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Trad. Sergio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984

SCHUMPETER, J. A. . **A teoria do desenvolvimento econômico**. São Paulo, Nova Cultura, 1988

SEXTON, D. L; BOWMAN, N. The entrepreneur: A capable executive and more. **Journal of Business Venturing**. Volume 1, Issue 1, Winter 1985, Pages 129-140, 1984

SOUZA NETO, B. **Contribuição e elementos para um metamodelo empreendedor brasileiro: o empreendedorismo de necessidade do "virador"**. Rio de Janeiro, 2003. 206 f

TIMMONS, J.A. **New Venture Creation: Entrepreneurship for 21st Century**. Chicago, IL: Irvin, 4th ed. 1994.